

## RETRATO de Teilhard de Chardin

«Através do pátio quadrado, cercado de muros, dois visitantes avançavam, caminhando um atrás do outro. Vestem à civil. Um colarinho alto redondo, rodeando o pescoço, dá-lhes o toque de clérigos e é o único sinal de que são eclesiásticos.

O que vem à frente é Teilhard. Jamais esquecerei esta aparição. A impressão que ela me causou foi tão viva, que todos os pormenores, apesar dos anos decorridos, se gravaram na minha fraca memória, com a nitidez duma água-forte.

Um longo corpo magro. Todo ossatura, quase desincarnado, projectado em altura. Um rosto ele próprio também alongado, burilado numa matéria dura, a madeira ou a pedra da sua Auvergne natal, coberta duma rede de finas rugas. Testa alta. Excepcionalmente alta. Nariz comprido, altivo. Uma boca generosa. E os olhos, esses postigos da alma, tão reveladores? Pequenos olhos cativantes, fundos nas órbitas, perscrutadores, móveis e vivos, com luminosidades e reflexos de ágata. Olhos que poderiam ser duros, à força de intensidade, mas que, naturalmente, se iluminam de bondade.



Aonde vi eu já este rosto?

Uma semelhança impõe-se à minha memória, a dum personagem de Greco, vista no Museu do Prado. O mesmo ascetismo. A mesma nobreza. E são duas palavras espanholas que traduzem, quanto a mim, a postura geral do Padre. *“Muy noble.”* Nobre! Não apenas moralmente, mas fisicamente também, apesar do mau corte do fato e dos sapatões toscos.

O Padre avançou na nossa direcção, mãos estendidas, levantadas em concha, num gesto familiar de acolhimento e oferenda. Gesto semelhante ao dos doadores dos vitrais nas catedrais.

À medida que se aproxima, um caloroso sorriso ilumina-lhe o rosto, metamorfoseando-lho.

Virtude, milagre do sorriso !

Quando mais tarde revi o Padre pelos olhos da lembrança, quando o revejo agora, escrevendo estas linhas, não é nem a ampla fronte do pensador visionário, nem os olhos agudos do sábio, nem a figura que toda uma vida de trabalho, de estudo, de privações, de meditação emaciou, cavou de rugas, que me restitui a minha visão interior. É, antes de tudo e sobretudo, o sorriso maravilhoso onde aflora e irradia a chama enorme que arde no seu coração. Coração duma indulgência e duma bondade sem limites ...»

(Claude Rivière, *“En Chine avec Teilhard 1938-1944, Seuil, 1968, trad. TPH)*